



Fonte: Banco Mundial
* Países que respondem ao Sistema de Informações da Dívida do Banco Mundial
** Projeção

Crise do golfo piora a dívida

por Celso Pinto de Londres

A crise da dívida externa é hoje "menos severa" do que há dois anos e isso se reflete na melhora de alguns indicadores. No entanto, o problema ainda está "longe de ser resolvido" e o impacto do aumento dos preços do petróleo, com a crise do Golfo, complicará bastante a situação dos países devedores.

Esta é a conclusão básica do "World Debt Tables 1990-91", divulgado ontem pelo Banco Mundial (BIRD). O trabalho, anual, do BIRD é a mais completa fonte periódica de dados e análises sobre a dívida externa dos países em desenvolvimento.

O relatório incluiu uma análise detalhada sobre o impacto da crise do Golfo. Para os países em desenvolvimento importadores de petróleo, o efeito será enorme: em três anos, de 90 a 92, a conta externa será aumentada em US\$ 62 bilhões; as exportações cairão, em média, 4% ao ano; e o Produto Interno Bruto (PIB) perderá, em média, 1% ao ano.

As dificuldades de financiamento desta conta adicional são um dos problemas centrais para os países endividados. A dívida global

(Continua na página 18)

Foram precisos seis anos, desde o início da crise da dívida em 1982, para que os países industrializados compreendessem que os problemas do Terceiro Mundo não seriam solucionados com a criação de novos débitos. Só em 1988 os governos desses países reconheceram que teriam de perdoar parte da dívida dos países mais pobres, diz o editorial do Financial Times.

(Ver página 4)

Crise no golfo piora a dívida

GAZETA MERCANTIL

por Celso Pinto de Londres
(Continuação da 1ª página)

dos países em desenvolvimento deverá aumentar 6,3% neste ano, para um total de US\$ 1,341 trilhão, o que reflete uma melhora no fluxo de recursos. Para os países endividados de renda média, grupo que inclui o Brasil, o aumento será menor, de 3%, para um total de US\$ 588 bilhões.

Entre 1987 e 1989, o total da dívida ficou praticamente estacionado. Como as exportações conjuntas dos países em desenvolvimento cresceram, neste período, 10% ao ano, a relação dívida/exportação melhorou: caiu de 232 para 187, para o conjunto dos países e de 375 para 294 para os de renda média.

No entanto, os países endividados continuaram gerando excedentes externos basicamente para pagar o principal e os juros de sua dívida — e a situação teria sido ainda pior, observa o trabalho, se não tivesse havido um forte crescimento nos atrasos de pagamentos. A transferência líquida de recursos (ingresso líquido de menos amortização e juros) de médio e longo prazos foi negativa em US\$ 29,6 bilhões em 1989, em função de pagamentos de US\$ 34,2 bilhões em juros.

Em outros termos, os países endividados continuaram na situação de exportadores líquidos de capital para os países credores.

De todo modo, o total negativo caiu em relação aos US\$ 35,2 bilhões registrados em 1988. Para este ano, o BIRD projeta uma nova queda, para US\$ 22,5 bilhões.

Em parte, essa melhora tem acontecido, como foi dito, em razão do aumento nos atrasos. O atraso total subiu de US\$ 30,1 bilhões em 1987 (sendo US\$ 11,1 bilhões em juros) para US\$ 38,9 bilhões no ano passado (sendo US\$ 17,8 bilhões em juros) no caso dos créditos oficiais. O salto nos créditos privados foi ainda mais expressivo: de US\$ 24,6 bilhões em 1987 (US\$ 9 bilhões em juros) para US\$ 40 bilhões (US\$ 17,2 bilhões em juros).

O Plano Brady para a dívida externa é visto como uma iniciativa com resultados positivos pelo BIRD, mas com algumas ressalvas. Uma delas é o aumento no peso dos débitos oficiais nos países envolvidos, um problema que será especialmente delicado no caso do Brasil e da Argentina, onde o peso conjunto da dívida privada é de US\$ 80 bilhões.

IMPACTO DA CRISE DO ORIENTE MÉDIO SOBRE OS PAÍSES DEVEDORES — 1990 a 1992 —

Grupo de países	Impacto na balança de pagamentos* (em bilhões de US\$)			Impacto/exportações* (em %)			Impacto/PIB* (em %)			Percentual da dívida no PIB
	1990	1991	1992	1990	1991	1992	1990	1991	1992	
Países de renda média e baixa	9,1	3,6	4,1	1,6	0,6	0,7	0,3	0,1	0,2	14,7
Importadores de petróleo	-13,8	-29,6	-18,8	-3,1	-6,6	-4,2	-0,6	-1,4	-0,9	12,1
Severamente endividados	-0,7	-1,3	-0,8	-4,9	-8,7	-5,8	-1,0	-1,8	-1,2	3,3
baixa renda	-3,8	-10,5	-6,5	-3,6	-10,1	-6,3	-0,6	-1,6	-1,0	25,3
Moderadamente endividados	-0,8	-1,5	-1,1	-6,6	-12,3	-8,6	-1,0	-1,9	-1,4	2,1
baixa renda	-2,5	-5,4	-3,4	-4,2	-9,0	-5,6	-1,2	-2,6	-1,6	15,7
renda média	22,9	33,2	22,9	19,6	28,4	19,6	4,7	6,8	4,7	26,4
Exportadores de petróleo	-0,7	-1,4	-0,9	-3,5	-7,0	-4,3	-0,6	-1,2	-0,7	—
Média importadores de Petróleo										

Nota: cálculos sobre a mostragem de 101 países com acesso a empréstimos bancários

* Estimado com desvio em relação ao cenário básico

Fonte: Estimativas da equipe do Banco Mundial

DÍVIDA EXTERNA 1980-90 (em US\$ bilhões)

Categoria	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990**
Dívida total, países do DRS*	562	656	743	807	843	937	1.028	1.152	1.137	1.147	1.221
Dívida de longo prazo	421	487	552	633	675	768	867	980	960	959	1.015
fontes oficiais	157	177	197	219	233	294	357	433	437	454	521
fontes privadas	264	310	354	414	442	473	511	547	523	505	494
Dívida de curto prazo	129	151	167	140	133	129	113	128	142	156	169
Uso de créditos do FMI	12	18	24	34	36	40	43	43	35	32	36
Dívida total, outros países em desenvolvimento	77	83	86	86	81	89	99	116	128	114	120
Dívida total de todos os países em desenvolvimento	639	739	829	893	924	1.026	1.121	1.268	1.265	1.261	1.341

* Países que respondem ao sistema de Informações da Dívida (DRS em inglês) do Banco Mundial. Desde 1988/89, Bahamas, Barbados, Chipre e Grécia foram promovidos e não são mais considerados países em desenvolvimento em virtude de sua renda per capita.

** projeção

Fonte: DRS, Departamento de Economia Internacional do Banco Mundial

Além de contar basicamente com créditos oficiais, sem ter estimulado um fluxo importante de novos créditos privados, o Plano Brady tem usado alguns instrumentos, como a emissão de bônus que tendem a aumentar o risco futuro sobre o crédito oficial. Os novos bônus têm garantias que o crédito oficial não tem (como cobertura para o principal). Além disso, é muito mais arriscada e complexa uma moratória sobre bônus. Desde o começo da década de 80, o estoque da dívida oficial mais do que triplicou.

As projeções que o BIRD faz até 1995 não são animadoras. Embora projete um aumento no déficit em contas correntes, para algo entre US\$ 65 bilhões e US\$ 70 bilhões, ou de 1,5 a 1,6% do PIB, os países continuarão basicamente exportando mercadorias para pagar juros.

As perspectivas de investimentos privados não são particularmente animadoras e o fluxo de créditos privados será certamente baixo, em termos relativos.

O trabalho faz um levantamento da situação de provisões dos bancos privados internacionais para enfrentar a dívida do Terceiro Mundo. Entre os dez grandes bancos norte-americanos, no final do primeiro semestre deste ano, apenas o Citicorp (31%) e o Manufacturers Hanover (32,9%) têm uma situação de provisões menos confor-

tável. Os outros, em média, ficam entre 40 e 60%, sendo que o Morgan eliminou o problema: tem provisões para cobrir 115% das dívidas.

Ao todo, os bancos norte-americanos alocaram US\$ 8 bilhões em 1989 e 1990 para provisões com estas dívidas. A carteira de empréstimos ao Terceiro Mundo destes bancos caiu de US\$ 92,6 bilhões para US\$ 79,2 bilhões entre 1988 e 1989 (dos quais, o total envolvendo países altamente endividados caiu de US\$ 71,5 bilhões para US\$ 58,7 bilhões).

A situação dos bancos europeus é ainda mais confortável. Os bancos ingleses elevaram suas provisões de 50 a 70% em 1989 para 52 a 84% no primeiro semestre deste ano. Os franceses elevaram suas provisões, no mesmo período, de 53 a 57% para 56 a 61%, enquanto os alemães subiram de 38 a 77% para 50 a 78%. Apenas os japoneses estão abaixo da média: as provisões de 15 a 20% em 1989 subiram para 25 a 30% neste ano.

Essa situação de amplas provisões, somada a uma série de outros fatores, torna muito pouco provável que os bancos privados voltem a ser uma fonte de recursos para os países em desenvolvimento nos próximos anos. As fontes básicas continuarão sendo os créditos oficiais e de instituições multilaterais.

Os países endividados, de todo modo, deverão conti-

nuar recorrendo a outras alternativas para aliviar sua situação, entre elas as várias formas de troca de dívida por investimento. Muitos países, como o Brasil e a Argentina, suspenderam esses tipos de operações, em 1989 ou 1990, em função de seu impacto inflacionário, mas elas continuam sendo uma das alternativas no contexto do Plano Brady.

Os números contidos no trabalho do BIRD mostram que, embora tenha limitado o esquema oficial de conversões, o Brasil continuou sendo o país que mais fez operações desse tipo em 1989, em termos absolutos, num total de US\$ 4,724 bilhões. Esse total, aliás, não ficou muito abaixo dos US\$ 5,115 bilhões do ano anterior.

O segundo país que mais converteu dívidas no ano passado foi o Chile, com US\$ 2,784 bilhões, o que o transformou, de longe, no país que mais utilizou esse recurso em termos relativos. O México converteu US\$ 2,547 bilhões. No total, as conversões somaram US\$ 12,052 bilhões no ano passado, comparáveis a US\$ 13,759 bilhões em 1988 e US\$ 4,697 bilhões em 1987. Embora tenha perdido parte do fôlego, essas operações continuam importantes e, pelo que sugere a análise do BIRD, se tornaram inevitáveis como forma de atração de investimentos, normalmente dentro do esquema do Plano Brady.